



QUALIDADE DA ESCOLA

## UM PROBLEMA PRIORITÁRIO MAS À ESPERA

PÁG. 2/3

MATILDE ROSA  
ARAÚJO  
NA MAGIA  
DA PALAVRA

PÁG. 4/5

JOÃO DOS SANTOS  
HOMENAGEADO  
EM CONGRESSO

PÁG. 7



### EDITORIAL

Quando falamos de insucesso escolar, coloca-se-nos o problema de saber se este reside apenas nas capacidades individuais das crianças (ou seja, as crianças com insucesso escolar serão menos inteligentes), ou se nele estão implícitas razões de âmbito sociocultural ou por carências linguísticas, ou ainda baseadas em variáveis relacionadas com a psicomotricidade.

Ao equacionarmos a questão desta forma não nos estaremos a basear em concepções demasiado simplistas e desculpabilizantes, atendendo a que centramos na criança as causas do seu insucesso e, evitando abordar o problema através de uma perspectiva relacional, ignoramos, desse modo, o espaço pedagógico, no interior do qual decorre a manifestação das dificuldades conducentes ao insucesso escolar?

O problema do insucesso escolar assume uma grande importância — dada a sua frequência e distribuição no país — e vai-se tornando preocupante se entendido como um dos mais significativos indicadores de “mal-estar” das crianças escolarizadas. Efectivamente, a capacidade de resistência ao insucesso, por parte das crianças, não é elevada.

A imagem que a criança tem de si própria — imagem de auto-valorização, ou imagem de auto-desvalorização — é interiorizada muito cedo, primeiro na família e, mais tarde, na escola; “... uma vez estruturada esta auto-imá-

gem, seja ela positiva ou negativa, tende a tornar-se, com o tempo, resistente à mudança, não sendo assimiladas pelo sujeito aquelas experiências que não estejam em consonância com a sua auto-imagem”

É importante ter em consideração que as crianças, quando iniciam a escolarização, já possuem um passado de vivências — “histórias de vida” — que, pela sua diversidade, podem conduzir a situações de franca desigualdade, ou seja, não podemos considerar o insucesso ligado aos “dons” da criança, ou à ideia da impossibilidade de compensar desigualdades socioculturais. Ao pensarmos deste modo, embora de forma não consciente, estamos a pré-determinar o sucesso e o insucesso e a conduzir a desigualdades face ao ensino.

A escola não é uma instituição que acolhe e promove só alguns alunos; ela tem que valorizar todos e cada um, tem que fomentar o êxito e respeitar as diferenças de cada um.

*Para que a cultura do Professor venha a fazer parte da consciência da criança, é preciso que, primeiro, esteja a cultura da criança presente na consciência do Professor.*

Bernstein

LEONOR SANTOS

# DA QUALIDADE DA ESCOLA E DA ESCOLARIZAÇÃO

MARCOS SOARES ONOFRE\*

**C**REMOS que existe uma imagem quase generalizada de que a escola e a escolarização são pouco gratificantes para as crianças e jovens que a frequentam. Conhecemos o sentimento de frustração e desânimo (mal-estar) que os professores, no terreno, sentem relativamente à falta de interesse dos seus alunos.

Descorrimos que a maioria dos pais não acredita nas reais possibilidades da escola e da escolarização na promoção de um desenvolvimento e educação de qualidade dos seus filhos.

Constatamos que o aumento da qualidade de escola e do processo de escolarização não é entendido, pelo menos nos factos, como um problema de prioritária resolução pelo poder em Portugal. Algumas razões suportam este sentimento. São razões que podem ajudar a explicar o desinteresse e falta de empenho dos alunos relativamente ao processo de escolarização e à escola.

Apesar do seu carácter e complexidade há evidência de que vários factores estarão na origem desse fenómeno. Destaquemos alguns desses factores.

aspirações e hábitos de vida quotidiana. Aquilo que melhor caracteriza a infância e juventude tem assim de ser ignorado, diríamos mesmo, negado pela escola como um potencial decisivo de desenvolvimento e educação.

Acresce a esta circunstância o facto de ser comum reconhecer que as experiências educativas da escola paralela (aquelas que acontecem fora da escola e são, inevitavelmente, vividas quotidianamente pelos alunos) são organizadas e assumem, muitas vezes, malefícios para o desenvolvimento das crianças, pelo que deverão ser tratadas como coisa à parte da escolarização.

Em função destas crenças, a escolarização tende a expressar-se apenas através da actividade curricular, desenvolvida de acordo com um modelo essencialmente centralizado (decidido independentemente dos contextos específicos em que o processo ensino-aprendizagem acontece e, particularmente, independentemente dos alunos). Nesta actividade, os professores são pressionados a assumir um papel de meros transmissores de conhecimento e os alunos a demonstrar a sua meritocracia na satisfação dos requisitos curriculares. A ligação da vida da sala de aula à vida dos alunos é ignorada. A adesão compeliada à disciplina do saber e pelo saber, a ignorância intencional da sabedoria, caracterizam fortemente o ambiente da escolarização.

Os efeitos desta concepção e da prática educativa assim tende a traduzir-se numa aprendizagem que cansa, desilude e desmotiva as crianças e jovens. Estes sentem-se incompreendidos e desacompanhados, não descortinam a efectiva utilidade do esforço que lhes é pedido na escola.

Constatando este desalento, a escola aposta em processos de recuperação do interesse e saber dos alunos nas actividades extracurriculares. Esta medida, ao contrário de ser uma medida intencional, com

objectivos educativos claros e intimamente articulada com a formação realizada dentro da sala de aula, traduz-se em iniciativas pontuais e efémeras de recurso, com o ensejo de compensar a alegria, iniciativa e satisfação perdida nos bastidores da aula. Este facto traduz bem a concepção de ludismo (prazer e satisfação) como algo que serve apenas um efeito de panaceia relativamente ao sério sacrifício que deve caracterizar a actividade curricular.

## ASPECTOS ASSOCIADOS ÀS CONDIÇÕES INSTITUCIONAIS

O efeito dos factores que referimos no ponto anterior é agravado por um conjunto de condições estruturais do sistema educativo. Entre as mais significativas destas condições destacam-se aquelas que decorrem do progressivo alargamento da escolarização a todos os estratos sociais e culturais. Este fenómeno tem-se reflectido numa subrelação das escolas e no conseqüente aumento da heterogeneidade da população escolarizável. Com o aumento do número de turmas e de alunos por turma e sem a necessária preparação das escolas e dos professores para responder eficazmente à diversificação das necessidades de acompanhamento educativo daí decorrentes, os alunos vêem aumentado o seu anonimato.

A democratização da sociedade acarreta consigo a consagração da diversidade cultural. Por sua vez, este fenómeno traduz-se na validação de formas de estar (valores, atitudes e comportamentos) na sociedade por vezes muito diferentes daquela que é institucionalmente determinada e que se procura promover pela escolarização. Este facto repercute-se no sentimento de relatividade do conceito de boa educação. A representação que os alunos têm do que é uma boa educação é afectada por isso. E a representação que os alunos têm do que



BOLETIM DO IAC

N.º 33

SETEMBRO/OUTUBRO 1994

director

Máilde Rosa Araújo

coordenação

Grupo Técnico do IAC

António Torrado

Clara Castilho

Leonor Santos

edição

Instituto de Apoio à Criança

Largo da Memória, 14

1300 Lisboa

concepção gráfica

e produção

Joana Imaginária

fotolitos

Roseta, Lda

impressão

Tipografia Lugo

depósito legal

N.º 74 186/94

tiragem

3000 ex.

## CONCEPÇÃO E PRÁTICAS COMUNS DA ESCOLARIZAÇÃO

A concepção, aliás correcta, de que a escola é o espaço privilegiado de acesso para a vida adulta tem-se incorrectamente traduzido pela ideia de que as crianças e jovens devem deixar à entrada da escola os seus interesses,

é uma boa educação traduz-se nos interesses e aspirações dos alunos relativamente à escola.

A individualização do ensino-aprendizagem requer a possibilidade de respeitar o potencial ritmo de aprendizagem dos alunos. Contudo, o tempo escolar é um tempo institucionalizado, correspondendo ao tempo possível e não, como seria desejável, ao tempo necessário para que cada aluno possa aprender em condições óptimas. A pressão institucional desenvolve-se no sentido da ideia, economicista e pouco pedagógica, de que é necessário rentabilizar a educação — o que implica não perder tempo.

O bem-estar no processo educativo depende também da qualidade do ambiente físico em que este se desenrola. Que escolas temos nós? Temos poucas escolas atractivas e muitas escolas repelentes. O espaço educativo é um espaço degradado e desagradável, muitas vezes circunscrito ao espaço das salas de aula, descoloridas e organizadas para uma abordagem prelectiva do ensino-aprendizagem. No fundo, a estrutura e organização do espaço escolar reflecte sempre uma concepção pedagógica da actividade educativa.

Os professores esforçam-se, inventando os processos para suprir estas lacunas institucionais. E o que obtém em reconhecimento profissional? A remissão a um estatuto de profissão de segunda. São acusados de pedagogismo, de excessos de compreensão para com os alunos, de inoperacionalidade no contributo para as referências estatísticas da sociedade de sucesso. Espera-se que consigam, qual passe de mágica, concretizar no plano das práticas educativas as intenções que os responsáveis políticos não são capazes de colocar no caótico pacote legislativo. E então é fácil! Os professores são os bodes expiatorios do insucesso educativo... até que pareça justificável a escassez do investimento na criação de condições

óptimas para a qualificação do exercício profissional.

E os professores estão sozinhos. A participação das diferentes estruturas e agentes de educação informal (a chamada escola paralela) na escola, está longe de ser uma prioridade institucional. A reestruturação dos modos de gestão da escola, nomeadamente no que diz respeito à abertura à participação a uma efectiva intervenção desses agentes na vida da escola retarda.

As circunstâncias atrás referidas não podem deixar de ter consequências na actividade educativa (com particular incidência na actividade curricular) que podem observar-se ao nível das condições de desenvolvimento do ensino-aprendizagem e ao nível dos resultados ou efeitos na aprendizagem.

#### CONSEQUÊNCIAS PARA AS CONDIÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO-APRENDIZAGEM

Entre as ideias força que animam a concepção, realização e avaliação do processo ensino-aprendizagem impera a necessidade de fazer cumprir programas no tempo insituido. Para satisfazer esta necessidade adopta-se um ensino que se caracteriza pela massificação e conseqüente necessidade de controlar a eventual resistência dos alunos a essa massificação, pois o tempo curricular (que é um tempo artificial — o tempo da campanha) é curto e a matéria a transmitir muito extensa. Então... é preciso ganhar tempo, não há condições para responder aos ritmos individuais de aprendizagem.

Com estas características, a relação pedagógica desenvolve-se num espaço inibidor da comunicação — estrado versus fileiras de carteiras — onde se repete, de aula para aula, a utilização de estratégias de ensino essencialmente prelectivas (porque o ensino tem que ser massivo), reforçando o anonimato das relações interpessoais e das relações dos alunos com o que têm que aprender.

A ineficácia deste tipo de formação, largamente descrita por especialistas do assunto, traduz-se no insucesso. Não compensado, o esforço gera um sentimento de des-

gaste e frustração nos professores. Este resultado, perante a consciência de que fizeram o possível, conduz ao desenvolvimento de atribuições causais externas, e o alvo, muitas vezes inconsciente, deste processo de culpabilização são os alunos, interlocutores no dia-a-dia. No final das contas feitas, o desinteresse, a falta de empenho e insucesso é uma característica intrínseca dos próprios alunos — os alunos não fazem porque não querem, não estão à altura ou não gostam. Acresce ainda que, se os professores sentem que fizeram o possível, então sentem também que nada mais há a fazer, dando azo ao reforço das suas indiossincrasias pedagógicas — repetem-se os modos pedagógicos — e fecha-se o ciclo da pedagogia da insuficiência.

#### CONSEQUÊNCIAS AO NÍVEL DA APRENDIZAGEM

O primeiro e mais expressivo sintoma desta pedagogia da insuficiência pode observar-se nas taxas de insucesso escolar que rondam os 25 a 30 por cento (1º ciclo e secundário) — dois a três em cada dez alunos não são considerados aptos a evoluir na sua formação escolar. Mais grave ainda é a generalização do estado de desinteresse, falta de empenhamento e aumento da disciplina nas escolas. Esta sintonia tem sido reconhecida junto dos próprios professores que indicam, sistematicamente, ser a indisciplina o problema mais significativo que vivem na sua relação pedagógica. Este dado significa que, para além de aprenderem mal as matérias, muitos alunos aprendem a detestar a escola e, muito particularmente, o acto de aprendizagem.

Contudo, ao contrário do que é comum pensar-se, o sentimento de insatisfação dos alunos face à escola e à escolarização não assume carácter generalizado, ele circunscreve-se a alguns aspectos bem determinados de ordem estrutural e funcional. Existem portanto outras características estruturais e funcionais, que, a serem uma realidade, são do agrado e portanto motivo de satisfação dos alunos. Vejamos alguns exemplos de indicações a este propósito (Leal, 1993).

# APONTAMENTOS SOBRE VOSSA E NA MAGIA DA PALAVRA\*

NATÁLIA PAIS

**M**ATILDE Rosa Araújo é um nome, ou melhor são três nomes que não estão por ordem alfabética nem por tamanho, nem por semelhança.

Perguntámos às crianças o que lhes faziam lembrar.

MATILDE, pronunciámos bem forte o TIL como se quiséssemos extrair toda a vibração desse som para o fazer Tilintar ao ouvido das crianças.

Uma garota de 8 anos pôs-se em bicos dos pés, esticou os braços movendo as pontas dos dedos sobre a cabeça como se desenhasse a ogiva de uma catedral gótica e disse: "Para mim é assim uma pessoa alta, muito comprida ... parece que quer tocar o Céu."

e  
ROSA — O que vos lembra?

"Uma flor com cheirinho muito bom."

"O jardim da minha avó, às vezes, cheira a rosas."

"As folhas das rosas, mesmo velhinhas e secas, cheiram sempre muito bem."

"A minha mãe tem um saquinho com folhas dessas na gaveta."

"Também pode ser a cor da flor quando é clarinha."

"Eu tenho um vestido Cor-de-Rosa."

"É a cor de que eu mais gosto, é do Cor-de-Rosa assim assim."

e  
ARAÚJO — É como marujo?

Não!

Então escrevi em papel cenário as duas palavras:

MARUJO

"O que anda no mar", disse um.

E por baixo:

ARAÚJO

"Um marujo sem mar", disse outro.

Um dos rapazes, talvez tentando ter graça, disse:

"Então anda no ar,"

E todos se riram...

A ideia parecia agradar-lhes e começou a ser sugestiva:

"Então voa... é como um pássaro."

"Ou anda nas nuvens... é como um anjo."

"Pode subir até muito alto e não apanha chuva."

"Vai alto, vai alto até quase ao pé do sol."

Onde é que eles já iam: "Um pouco mais de sol."

Eu própria já estava enfeitiçada e envolvida no jogo. Imaginava a luz dos vitrais, sentia o perfume das flores, recordava a suavidade dos gestos, pensava na beleza das palavras e achava que a conclusão era evidente.

Uma pessoa que parece tocar o céu, cuja mensagem se espalha sem perder a "essência" e se desloca no espaço com suavidade... só pode ser

CRIANÇA, MULHER OU POETA

Quando apontei para a estante e disse: "É autora de um destes livros", uma criança gritou: "É escritora?! Então é uma INVENTORA de PALAVRAS."

E era mesmo! Lembrei-me então do CEREJIM do GRILARIM do TALOU-TALAVA e muitas outras que nasceram da sua voz.

Na verdade, o Homem tem esse dom de apelidar as coisas, de lhes dar nome, e isso é já em si um acto solene, é como um baptismo, pois consagra a relação entre a palavra e o objecto.

Mas o poeta faz mais do que



isso, liberta-os dessa situação condicionante e ao mesmo tempo, como aos milagres faz surgir, cria novas palavras, que dão origem a novos seres, multiplica, transforma e diversifica os significados e os significantes.

Será por isso que as crianças acham que um escritor é um inventor de palavras ou será porque para fazer um livro são necessárias tantas palavras que deve ser preciso procurar algumas?

As crianças conheciam alguns textos, poemas e personagens da obra de Matilde Rosa Araújo, mas não conheciam a pessoa... e tinham pena. Uma destas comentava: "Deve ser bonito ter um amigo inventor de palavras, mas eu não conheço ninguém assim."

Dei-me conta de que tinha esse privilégio e de que poucas vezes o usava em prol das crianças.

# EXCELÊNCIA

Se a obra literária de Matilde Rosa Araújo reflecte a universalidade da infância, a sua presença, as suas palavras e os seus silêncios transmitem ao adulto a beleza enigmática do sonho, a segurança das sabedorias orientais, a força prodigiosa de saber amar as pessoas e as obras.

Recordo dez anos de encontros e convívios, a maior parte das vezes fugazes, em reuniões de trabalho no Instituto de Apoio à Criança. Sinto-me simultaneamente orgulhosa e intimidada por poder partilhar da sua experiência, da sua sabedoria, do equilíbrio que sabe estabelecer entre a criança que fomos e o adulto que desejámos ser.

Em 1979 criaram-se enormes expectativas, e algumas tornaram-se realidade. Entre elas está o IAC, cujo objectivo é promover a defesa dos Direitos da Criança, para permitir que, como diz Matilde Rosa Araújo, os gostos das mães (mães, todos nós) nos tragam o trigo de uma infância libertada.

E se o IAC representa um pouco da voz da Criança Portuguesa é em nome dessa voz que presto merecida e justa homenagem a quem desde o início trilhou o caminho dessa utopia.

Entramos no mundo enigmático e sagrado dos poetas, que quase por magia conseguem transformar a aridez de um articulado, a inexpressividade de um código, numa obra de arte; um poema defendendo as nossas ideias, usando as nossas palavras...

*deixaram-nos uma mensagem muito mais sentida*

*comprovação do texto arquivos e verbos.*

Felizmente, em Portugal a versão poética do texto da Convenção dos Direitos da Criança é mais conhecida do que o Texto da Declaração adaptada pelas Nações Unidas.

Só por isso já o IAC deveria es-

tar-lhe muito grato, mas a sua presença junto dos que ali trabalham é inspiradora e tranquilizante, sempre atenta ao sentimento alheio, encorajando-nos, acalmando outros, mas acima de tudo espalhando à sua volta um sentimento de profunda amizade pelas pessoas e de abnegada dedicação à causa que defende nos seus versos para que a criança nasça, cresça e viva em dignidade.

Conhecendo através dos poetas a memória da infância, a Matilde dá um espaço que conta com os poetas para ajudar a transformar a Infância sofrida na Infância sonhada pela Matilde e por todos nós.

Não resisto a referir aqui um pequeno episódio narrado pela Matilde numa sessão que fez no Centro Artístico Infantil sobre o tema "A Magia da Palavra".

A propósito da força das palavras e do seu efeito, falar-se no encanto e na beleza misteriosa, sonora e até plástica da "palavra" e da conotação diferente que a palavra podia ter em cada pessoa.

Então a Matilde conta-nos que fora um dia a uma escola muito modesta de crianças pobres, mas que pareciam muito interessadas em ouvi-la e em participar na sessão. Quando se falou em palavras bonitas e palavras feias, palavras que se gostava muito de ouvir e outras que eram só para dizer baixinho... a Matilde reparou numa garotinha com um ar doce, tímida mas com uma expressão de encantamento, e perguntou-lhe:

— Há alguma palavra de que gostes muito? que aches muito mais bonita do que as outras?

— Há sim, minha senhora! Há uma, mas digo-a poucas vezes!

— E queres dizer qual é?

— Quero!

— Qual é a palavra?

E ela, muito tímida, mas com um ar muito feliz e convicto, disse:

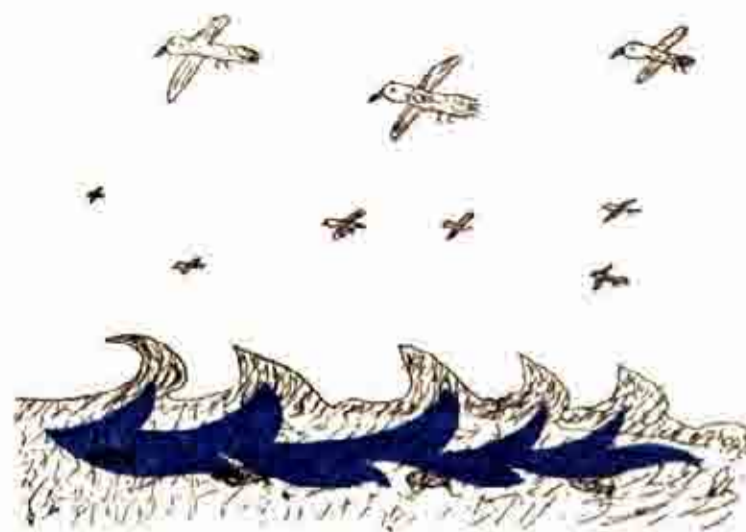


ILUSTRAÇÃO DE O LIVRO DA TILA

— Vossa Excelência.

Interrogava-se a Matilde: o que é que ela acharia em Vossa Excelência que tanto lhe agradava?

Então pensei: Vossa Excelência é uma palavra comprida que se articula com certa majestade, que se desenrola como passadeira, lembra reverências, salamaleques, saudações, festins, chuva de pétalas de rosa... gestos que perpetuam o mito e dignificam o Homem.

Atribuir V. Ex<sup>a</sup> a alguém é considerá-la para além das outras; é reconhecer-lhe valores e poderes que a colocam mais alto... quase a tocar o céu, muito alto quase ao pé do sol.

Será que a garota queria só dizer V. Ex<sup>a</sup>, queria ser ela própria (a Ex<sup>a</sup> — a criança) ou queria dizer — uma pessoa que parece tocar o céu, cuja mensagem se espalha como o cheiro das rosas, sem perder a essência e que se desloca com suavidade, no contacto da vida como "caminheira deslumbrada"?

Será que para ela V. Ex<sup>a</sup> quer dizer — MATILDE ROSA ARAÚJO? Ou será que ela num gesto de magia transformou a inventora de palavras numa palavra? Transformou-a em poema?

O mistério da palavra não se desvenda, mas permitam-me que pense que o poder encantatório da palavra depende muito do encanto que cultiva, por excelência, e talvez a menina modesta ao ver a Matilde tenha sabido reconhecê-lo!

\* Intervenção em 11 e 12 de Março 94 no Encontro de Literatura Infância-Juvenil, organizado pela Editora Civilização, onde os escritores Matilde Rosa Araújo e António Torrado foram homenageados.

# DA QUALIDADE DA ESCOLA E DA ESCOLARIZAÇÃO

## CONTINUAÇÃO DA P. 3

Em primeiro lugar, os alunos parecem ser mais críticos relativamente à instituição escolar em si do que do próprio processo de escolarização.

Relativamente à sua atitude face à escola, Os espaços e equipamentos são factores indicados como críticos pelos alunos. De facto, as escolas são normalmente pequenas para o efectivo de alunos que têm de enquadrar e, normalmente, apresentam um aspecto desleixado e uma grande carência de equipamentos (sobretudo de carácter didáctico). Também o tipo de gestão e organização da escola é objecto de críticas. São exemplos disso as observações feitas à monotonia do funcionamento da escola, à sua reduzida solicitação para participação nas decisões de organização, à sobrelotação das turmas e à inexistência de actividades de ocupação dos tempos livres.

Apesar disso, os alunos parecem reconhecer a importância da escola na sua formação e veiculam o sentimento de que esta se constitui como um espaço privilegiado para estabelecimento de contactos sociais (com os colegas/amigos).

Quanto aos professores, os alunos rejeitam sobretudo o autoritarismo e agressividade que colocam na relação pedagógica. Porém, manifestam apreço por aulas variadas, disciplinadas, valorizam a paciência do professor para com as suas dificuldades na aprendizagem, a capacidade do professor em fomentar o espírito da amizade e entusiasta e gostam que estes lhes atribuam responsabilidade e solicitem a sua participação (opinião) nas aulas.

## QUE MEDIDAS ADOPTAR PARA ULTRAPASSAR OU MINORAR ESTE PROBLEMA?

O entusiasmo, o interesse e adesão dos alunos estão dependentes das características das escolas — atitudes, valores e modos de funcionamento dominantes. A ênfase no potencial de participação nas diferentes actividades da escola, a promoção de ambiente contornável e agradável (físico e humano), a atribuição de responsabilidades e

promoção da participação dos alunos (participação nas diferentes actividades formais e informais), o enriquecimento nas aprendizagens escolares de forma a mobilizar os interesses dos alunos, promoção de sentimento de grupo, a qualidade de organização e grau de identidade dos professores entre si (promoção do sentimento de comunidade escolar — reforço do projecto escola e sentimento de pertença profissional), a criatividade na mobilização dos potenciais intervenientes no processo educativo (pais, professores, funcionários, alunos) contam-se entre as principais características de funcionamento das escolas em que o empenhamento em adesão dos alunos e os seus resultados educativos se revelaram mais elevados (Rutter, 1983).

A responsabilidade que o colectivo dos professores, conjuntamente com os órgãos de gestão administrativa e pedagógica das escolas, tem na promoção do Sucesso Educativo é uma inferência natural destas indicações.

Tão importante como o trabalho realizado no seio da escola, fora da actividade curricular, é o trabalho que o professor realiza na sala de aula (actividade curricular). Aí o professor faz (muito) a diferença. A sua capacidade de organizar e animar a actividade pedagógica de forma a que os alunos estejam empenhados e motivados durante uma levada percentagem de tempo em experiências significativas para os objectivos da aprendizagem é condição fundamental do sucesso educativo.

Ensinar convidando à aprendizagem em vez de ensinar condicionando à aprendizagem é condição fundamental para a qualificação do processo ensino-aprendizagem. Mas, para que o convite possa ser aceite é necessário que ele seja aliciente. Vários são os meios para produzir este efeito. Reflictamos sobre alguns.

— Organizar as situações de aprendizagem de forma que estas sejam significativas pedagogicamente mas de uma forma personalizada (revelando a utilidade e relação com os interesses da vida

dos dia-a-dia dos alunos);

— Promover actividades que sejam acessíveis aos alunos (com um nível de complexidade reduzido) e lhes permitam um elevado nível de sucesso (criando-lhes a possibilidade de observar, no momento, o seu sucesso);

— Estruturar os conteúdos de forma a que os alunos possam tornar-se mais autónomos no controlo da sua própria progressão na aprendizagem;

— Procurar criar um clima em que os alunos se satisfaçam mais pelo reconhecimento da sua capacidade do que pelo reconhecimento de que agradam ao professor e aos outros;

— Diversificar as actividades de aprendizagem na mesma aula, promovendo uma organização por tarefas (centros ou estações) de aprendizagem;

— Dar oportunidade para que os alunos possam, de tempo a tempo, estruturar a sua actividade de aprendizagem dentro de uma determinada temática;

— Promover uma aprendizagem activa em que os alunos veiculem as suas opiniões e sentimentos relativamente às aulas.

## Bibliografia

Brophy, F. & Good, T. (1986) — Teacher Behavior and Student Achievement, in Wittrock, Merlin (Edt), *Handbook of Research on Teaching*, 3ª ed, New York, pp. 338-373.

Cruz, M. Braga da (1988) — A Situação dos Professores em Portugal — Relatório da comissão criada pelo Despacho 114/ME/88 do Ministro da Educação (presidida por M. Braga da Cruz), separata da *Análise Social*, vol. 24 (103-104).

Good, T. & Brophy, J. (1986) — School Effects, in Wittrock, Merlin (Edt), *Handbook of Research on Teaching*, 3ª ed, New York, pp. 570-602.

Léal, João (1993), *A Atitude dos Alunos Face à Escola, à Educação Física e ao Comportamento de Ensino dos Professores*, dissertação de mestrado, FMH/UTL in: pub.1

Rutter, Michael (1983) — School Effects on Pupil Progress: Research Findings and Policy Implications, in *Child Development*, 54, pp. 1-29.

\* Assistente da UCP de Ciências da Educação da FMH/UTL.

CONGRESSO ASSINALA ANIVERSÁRIO DA LPDM  
E HOMENAGEIA JOÃO DOS SANTOS

# O PRAZER DE EXISTIR

**C**ONFORME anunciamos no nosso Boletim anterior, realizou-se nos dias 27, 28 e 29 de Outubro, o Congresso "Da diferença ao prazer de existir", que assinalou a passagem do 40º aniversário da fundação da Liga Portuguesa dos Deficientes Motores e que homenageou o Doutor João dos Santos, reunindo associações e serviços a que esteve ligado no seu percurso profissional, e projectando os seus contributos humanos e científicos numa sociedade em final de século. Assim, o IAC não poderia deixar de estar presente. Fê-lo com uma comunicação de Manuela Eanes na sessão de abertura e com três intervenções, no dia 29, de Clara Castilho, Sérgio Niza e Matilde Rosa Araújo.

Funcionaram simultaneamente vários seminários, subordinados a: "A família: ponto de partida para uma sociedade plural", a cargo da Liga Portuguesa dos Deficientes Motores; "O sentido plural da arte na representação social", da Associação Nacional de Arte e Criatividade; "A vida com lupus", da Associação dos Doentes com Lupus; "Viver com epidermólise bolhosa". Mesas-redondas foram organizadas pela Liga Portuguesa contra a Epilepsia, Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla, Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, Associação Portuguesa de Surdos e o Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital D. Estefânia. Também o Centro Doutor João dos Santos-Casa da Praia e o Centro Hellen Keller recordaram a sua experiência.

Manuela Eanes recordou o dia em que João dos Santos lhe entregou o manuscrito do livro *A Caminho de Uma Utopia...* Um Instituto da Criança: "Um homem que marcou o nosso tempo com o maior espírito de solidariedade, de dignidade e competência e a quem a Criança tanto deve em Portugal, vinha

entregar-me simplesmente, com o seu olhar bondoso e a força de alma que todos lhe conhecíamos, um manuscrito de um projecto novo, sonhado por muitos que sempre entenderam que é a infância de qualquer povo que deve fazer a sua aposta de futuro, de desenvolvimento e de identidade cultural... Interessante de referir é o pioneirismo de toda esta filosofia, de toda esta abertura à comunidade e ao fenómeno da participação que é hoje



em dia a grande tónica do trabalho social a nível europeu e que o Dr. João dos Santos já defendia há mais de quarenta anos."

Clara Castilho abordou "O conceito de participação activa da comunidade na obra do Doutor João dos Santos". Lembrou que foi um homem que "passou uma boa parte da sua vida paraprofissional a tentar resolver, no plano colectivo, algumas das necessidades mais prementes do sofrimento infantil. Dos projectos à acção, foram as iniciativas em que participou, a partir dos anos 50, que constituíram a experiência fundamental para compreender que não basta falar da importância da família e dos pais, do afecto e da inteligência, para promover o bem-estar da criança. É necessário fazer participar os pais e os técnicos, a família e as comunidades, na organização e suporte das instituições".

Sérgio Niza falou de "O sentido pedagógico da intervenção do Dou-

tor João dos Santos". E considerou: "João dos Santos ensaiava a ruptura com o modelo médico-pedagógico, assim como ensaiava a ruptura com muitas coisas. Era um agitador, no campo das ideias, dos métodos, do modo de estar na vida. Foi ele que mais provocou a tomada de consciência da passagem desses métodos e atitudes que pertenciam ao modelo pedagógico. É interessante ser um médico a ajudar-nos, a nós portugueses, a fazer a passagem para o modelo educacional no trabalho com crianças. Digamos que intuiu a tempo que esse não era o tempo que lhe era dado viver. Ele, o que fez sempre foi abrir caminhos."

Matilde Rosa Araújo, com o título "O segredo é a própria infância", disse-nos: "João dos Santos viveu em sonho e lucidez, através da sua vida e da sua ciência, da poesia intensa do seu olhar, o sagrado estatuto da Criança como pessoa inteira, viu sempre na Criança um homem livre. Que pensa; que sonha... Foi esta Criança do Homem com direito à fantasia que alicerçou o homem de verdadeira ciência que foi João dos Santos... Obrigada Doutor João dos Santos, por ser a Criança Acordada. Parece-me que o vejo a sorrir com o seu sorriso tão bom de sabedoria e inocência, de crítica e aceitação. Criança Acordada que nos ensina a alegria. O 'ser eu', o 'sermos nós'. Embora nem tudo comunicável. O prazer de existir."

Foi para o IAC, assim como para todos os admiradores da Obra do Doutor João dos Santos, uma grande satisfação poder rever toda a sua obra, lembrar a sua personalidade e tudo o que fez em prol da criança portuguesa, na esperança de que mais pessoas possam reflectir e aprender com tudo o que nos ensinou.

## IAC PRESENTE

Na Jornada Mundial para a Eliminação da Pobreza, iniciativa registada pela colocação de uma lápide, em 18 de Outubro, e que contou com a presença de Maria João Malho.

Em Braga, no lançamento do livro sobre trabalho infantil, que contou com a participação de Manuela Eanes.

Na Semana de Estudos sobre a Família, na Universidade Católica, em 24, 25 e 26 de Outubro, que contou com a presença de Celeste Porto.

No dia 10 de Outubro, no IAC-Açores, Manuela Eanes e Adelina Odete reuniram-se com a Comissão Instaladora e com responsáveis do Projecto Meninos de Rua, com o objectivo de fazer um balanço global de todas as actividades e perspectivar as acções que se irão desencadear no futuro.

No âmbito da divulgação das suas actividades, responsáveis pelo SOS-Criança estiveram presentes na comunicação social. Refiram-se as entrevistas de Manuel Coutinho à TSF (19/9), Rádio Renascença (20/9), Antena Um (7 e 17/10), à TVI e aos jornais "Semanário", "Expresso", "Máxima", "Nova Gente" e "Dia"; de Rosário Costa à Antena Um (21/9), e Jorge Ferreira (6/9) aos jornais "Crime" e "Jornal de Notícias". Os assuntos versados foram o Serviço SOS-Criança, as problemáticas das crianças em risco, suicídio infantil, abuso sexual de menores e o impacto da violência da televisão sobre as crianças.

## ACTIVIDADE LÚDICA COMUNICAÇÃO PALAVRAS E IMAGENS

**C**ONTINUA a concretizar-se, com elevado nível de participação, o plano de formação da Actividade Lúdica. Nos dias 25, 26 e 27 de Outubro teve lugar, no serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, a acção "Comunicação Palavras e Imagens", organizada por este sector do IAC. Reuniram-se nesta acção de formação, de carácter intensivo, 25 profissionais e técnicos — cuja prática está ligada à educação e ao bem-estar das crianças, aos espaços lúdicos e à animação — e duas orientadoras, Cristina Taquelim, responsável no sector Infância-Juvenil da Biblioteca Municipal de Beja, e Filomena Viegas, da Actividade Lúdica do IAC.

Ao longo dos três dias de trabalho, foram abordados dois temas de modo sistemático: 1. Espaços lúdicos e animação do livro — Palavras e imagens, significados lúdicos, poéticos e estéticos; 2. Processos verbais e visuais — Jogos de linguagem e parceiros de jogo.

De entre os vários conteúdos abordados em torno da temática da animação do livro, cabe aqui salientar a importância atribuída à relação entre o simbolismo do brinquedo e o simbolismo da escrita, na perspectiva de Vigotsky, à necessária ligação entre a animação do livro e da leitura e a descoberta do lúdico e do poético, à arte de ler e contar, transformando os espaços de animação do conto em espaços do maravilhoso.



Os participantes apresentam uma estátua viva, resultado de um trabalho explorado em grupo

No que respeita à temática dos Jogos de Linguagem, é pertinente referir alguns conteúdos que mereceram atenção particular, nomeadamente a procura e a exploração da relação entre a magia dos sons e a magia dos sentidos das palavras e entre a magia das palavras e a magia das imagens, a importância dos jogos de linguagem instrumentos da fantasia, na perspectiva de Gianni Rodari — no desenvolvimento da competência linguística e comunicativa e a atenção que deve ser dada aos processos de construção de jogos, de contos, de fábulas...

As várias sessões de trabalho permitiram o desenvolvimento de um trabalho de natureza teórico-prática, evoluindo em vivências de situações lúdicas e estéticas por parte de todos os participantes e em períodos de debate, de reflexão e partilha de ideias, práticas e saberes.

## LUDOTECA DO IAC NA BAIXA MACDONALDS DÁ CONTRIBUTO

**A** cadeia norte-americana de "fast-food" McDonalds anunciou, no dia 7 de Outubro, num hotel de Lisboa, um programa específico de apoio a uma iniciativa do IAC. "Todos os domingos, até ao Natal, cinco por cento das receitas do McDonalds do Rossio reverterão a favor da ludoteca que o IAC se propõe instalar na Baixa", garantiu o responsável da empresa Rui

Moiteiro, na cerimónia de apresentação, a que esteve presente Manuela Eanes e o escultor Francisco Simões, autor dos painéis que decoram o novo restaurante galeria, no Rossio.

Na Praça Pública, foi, entretanto, realizada uma reportagem sobre o apoio da MacDonalld ao IAC para a criação da ludoteca.

